



Educational action to raise awareness in high school about self-medication

Ação educativa para conscientização em escola do ensino médio acerca da automedicação

SANTOS, Welisson da Silva⁽¹⁾; PEREIRA JUNIOR, José Marcelino⁽²⁾; ALEXANDRE, Valéria Cristina Santos⁽³⁾; SILVA, Elânia Ferreira⁽⁴⁾; SANTOS, Aldenir Feitosa⁽⁵⁾.

(1) 0000-0002-0634-6841; Graduado em Química, Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Arapiraca, AL, Brazil. Email: welisson128@gmail.com.

(2) 0002-6054-2878; Graduando do Curso de Química, Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Arapiraca, AL, Brazil. Email: junioreira938271@gmail.com.

(3) 0000-0002-8956-6953; Graduanda do Curso de Química, Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Arapiraca, AL, Brazil. Email: cristinavaléria790@gmail.com.

(4) 0000-0001-7915-8318; Graduanda do Curso de Química, Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Arapiraca, Alagoas, AL, Brazil, Email: layniffs@gmail.com.

(5) 0000-0001-6049-9446; Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, Coordenadora - PIBID (Núcleo de Química) – UNEAL. Maceió, AL, Brazil. Email: aldenirfeitosa@gmail.com.

ABSTRACT

This article addresses the consumption of over-the-counter medications and the risks associated with the consumption of medications without medical authorization by 3rd grade high school students at a public school in São Sebastião – AL. The research aimed to identify the practice of self-medication in high school students, show the risks associated with it and promote visibility about the rational use of medication. The work was developed in a State High School, located in São Sebastião, Alagoas, from April to May 2021. For data collection, it was used: the application of an online questionnaire, lectures, availability of infographic relating the theme to the contents of the school curriculum and production of explanatory pamphlets about the theme. The information obtained was analyzed and grouped into graphs, tables and figures, for a better visualization of the results. After performing the four steps, it can be seen the practice of self-medication by these students, with a prevalence of consumption among female participants, with the drugs most used without prescription being Paracetamol, Dipyrone and Dorflex. It was also possible to observe the influence of family and friends for the implementation of this practice and the need for greater awareness of these. As an intervention, pamphlets were produced and posted by the students in digital media.

RESUMO

O presente artigo aborda o consumo de medicamentos sem prescrição médica e os riscos associados ao consumo de medicamentos sem autorização médica por alunos da 3^a série do ensino médio, de uma escola da rede pública de São Sebastião – AL. A pesquisa teve por objetivo identificar a prática da automedicação em escolares do ensino médio, mostrar os riscos associados a ela e promover a visibilização acerca do uso racional de medicamentos. O trabalho foi desenvolvido em uma Escola Estadual de Ensino Médio, localizada em São Sebastião, Alagoas, no período de abril a maio de 2021. Para coleta dos dados utilizou-se: a aplicação de um questionário online, ministração de palestra, disponibilização de infográfico relacionando o tema aos conteúdos da grade curricular dos escolares e produção de panfletos explicativos acerca da temática. As informações obtidas foram analisadas e agrupadas em gráficos, tabelas e figuras, para uma melhor visualização dos resultados. Após realizadas as quatro etapas, pode-se constatar a prática da automedicação por esses estudantes, havendo uma prevalência de consumo para os participantes do gênero feminino, sendo os fármacos mais utilizados sem prescrição o Paracetamol, Dipirona e Dorflex. Foi possível observar também a influência dos familiares e amigos para a efetivação dessa prática e a necessidade de uma maior conscientização destes. Como intervenção foram produzidos e postados panfletos pelos escolares em mídias digitais.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 13/01/2022

Aprovado: 30/03/2022

Publicação: 02/04/2022



Palavras-chaves representativas do trabalho, estas não devem estar contidas no título do artigo.

Keywords:

Consumption, medicines, students, high school

Palavras-Chave:

Consumo, medicamentos, estudantes, ensino médio

Introdução

A humanidade sempre esteve preocupada em buscar tratamento para enfermidades que afetam a saúde e a qualidade de vida. Desde os primórdios nossos ancestrais utilizavam recursos provindos da natureza, como plantas, minerais e animais. Ao longo do tempo, as plantas medicinais se destacaram como recurso terapêutico em diversas civilizações, mas apenas no século XIX teve início a procura por seus princípios ativos. Os avanços na química e biologia obtidos nos séculos XVIII e principalmente no XIX proporcionaram a descoberta de inovações terapêuticas que marcaram o desenvolvimento dos medicamentos atualmente usados (Andrade, 2018).

O uso de medicamentos foi introduzido em grande escala apenas no século XX, mais precisamente após a segunda guerra mundial, onde a indústria farmacêutica se desenvolveu em nível global. Dessa forma, um fármaco que antes obtido a partir das plantas, também passou a ser sintetizado em laboratório aumentando a possibilidade de cura, controle e/ou prevenção de doenças fatais. Isto e a propaganda midiática fizeram com que os medicamentos assumissem uma grande importância na economia mundial e no cotidiano da população, criando-se uma crença referente ao poder dos medicamentos (Todescato & Bertoloto, 2017).

Inerente a possibilidade de cura, ao modelo capitalista que gere a sociedade e a fácil acessibilidade de medicamentos isentos de prescrição médica, surgiu o consumo excessivo de medicamentos, o que atualmente tem causado problemas no mundo todo, pois o seu uso sem orientação médica pode causar efeitos tóxicos ao organismo, levar a dependência, problemas emocionais e psicológicos (Ferro, 2019).

A automedicação está relacionada com as diversas formas pelas quais indivíduos ou grupos de pessoas decidem sem prescrição médica fazer o uso de determinado medicamento para aliviar sintomas de alguma doença ou com o intuito de “curá-la”. Esta prática promove o compartilhamento de medicamentos entre os membros da família ou pessoas do seu convívio social, pelo uso de receitas antigas, pelo desrespeito às recomendações médicas sobre o uso dos fármacos através da prolongação ou retardo do seu uso, ou ingestão de quantidades superiores ou inferiores do fármaco em comparação a que foi estipulada pelo médico (Moraes et al., 2016).

Embora a automedicação seja vista como uma necessidade por alguns indivíduos, ou ainda como uma função complementar dos sistemas públicos de saúde, especialmente em

países subdesenvolvidos, essa prática pode causar danos sérios na vida das pessoas, como mascarar sinais e sintomas importantes para o diagnóstico de doenças pré-existentes que necessitam de uma maior atenção e complicar ainda mais o quadro do indivíduo, representando assim um problema que deve ser prevenido (Freitas, et al., 2017).

Automedicar-se é uma prática muito comum entre as pessoas, principalmente entre os adolescentes. É durante a adolescência que se encontra a fase de maior vulnerabilidade, e é a fase em que os indivíduos estão mais susceptíveis à influência, seja ela familiar ou de amigos. É nesse período que esses indivíduos passam a tomar decisões por conta própria, como o ato de ingerir medicamentos sem prescrição médica. Sem saber sobre os riscos da automedicação e para aliviar suas dores, eles utilizam diversos tipos de fármacos (Carmo Júnior & Silva, 2017).

A escola é o ambiente em que essa prática é realizada com frequência, por isso a automedicação deveria ser trabalhada na escola como tema transversal da educação em saúde, mostrando os malefícios dessa prática e conscientizando seu alunado a sempre procurar a ajuda de um profissional de saúde antes de fazer o uso de medicamentos (Braz, et al., 2019).

Para Carmo Júnior & Silva (2017) o uso racional de medicamentos torna-se uma preocupação de extrema relevância e necessidade, sobretudo quando se trata de adolescentes e jovens que fazem o autoconsumo de remédios no ambiente escolar. É pungente a necessidade de promover a Educação em Saúde de maneira transversal e garantir ações que vão além da sala de aula e da escola, tentando assim transformá-la em um local multiplicador de hábitos seguros e saudáveis.

Nesta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo identificar a prática da automedicação realizada por estudantes do 3º ano do ensino médio e, visibilizar os riscos que estão associados à esta prática e a importância do uso racional de medicamentos.

Materiais e métodos

Este relato de experiência teve uma abordagem quantitativa. A ação educativa foi dividida em quatro etapas, sendo a primeira a aplicação de um questionário, a segunda a promoção de uma palestra por um farmacêutico, a terceira a disponibilização de um infográfico relacionando a automedicação com os conteúdos de Química e a quarta a produção de panfletos explicativos sobre os riscos da automedicação. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Professor José Félix de Carvalho Alves, na cidade de São Sebastião-AL.

Foram incluídos na pesquisa alunos matriculados na disciplina de Química com frequência superior a 75% do quantitativo de aulas já dadas, sendo excluídos os que estavam de atestado médico no período de coleta de dados da pesquisa. O projeto foi desenvolvido com

6 turmas da 3ª série do ensino médio desta escola, tendo como população amostral, o quantitativo de 240 alunos.

O questionário utilizado na 1ª etapa foi desenvolvido por Fagundes et al. (2008) e disponibilizado aos participantes por meio do link <https://surveyheart.com/form/60632fa9b30a323c2d93b709>. O objetivo desta etapa foi identificar se os alunos faziam a prática da automedicação, e quais eram os principais medicamentos utilizados sem receita médica. Por automedicação, conforme Aquino et al. (2009), foi considerado o ato de usar quaisquer medicamentos por conta própria ou indicados por familiares, colegas, balconistas de farmácia ou outros indivíduos que não sejam habilitados para prescrever o uso de determinado medicamento.

A 2ª etapa teve por objetivo promover a visibilização do tema pelos alunos e para tanto foi promovida uma palestra expositiva acerca do uso indevido de medicamentos, evidenciando os males da automedicação, perigos, reações adversas e a importância da prescrição médica, tópicos já elencados como primordiais pela literatura científica (Furtado, 2013). A palestra foi realizada por um farmacêutico, através do Google Meet, cujo link de acesso foi disponibilizado por meio do grupo de WhatsApp das turmas.

Para a 3ª etapa, foi disponibilizado um infográfico em formato de documento portátil (PDF), visando a associação dos conteúdos de química orgânica, com o tema transversal da automedicação. Foram trabalhados no infográfico os principais grupos funcionais orgânicos que estão presentes na composição dos remédios, seguindo metodologia já descrita na literatura (Silva et al., 2018). Ao final desta etapa foi apresentado aos alunos dois exemplos de panfletos, que serviriam para a etapa posterior.

A 4ª etapa se deu com a orientação dos alunos para o desenvolvimento de panfletos, pôsteres e folhetos contendo informações sobre os riscos do uso irracional de medicamentos, visando o estímulo da leitura e interpretação científica, além da criatividade dos alunos. A divulgação do material produzido se deu nas mídias sociais para visibilização e popularização dos riscos da prática da automedicação e da importância do uso racional de medicamentos (Arthur Corrêa et al., 2020)

Resultados e discussão

Análise do questionário

Com os resultados obtidos no questionário, foi possível traçar o perfil dos alunos entrevistados. Dos 43 entrevistados, 67,4% eram do gênero feminino e 32,6% do gênero

masculino. Com relação a idade dos participantes, 62,7% tinham 17 anos de idade, 25,6% tinham 18 anos, 4,7% tinham 16, 4,7% tinham 19 e 2,3% tinha 22 anos.

Dentre o público pesquisado, a grande maioria (91%) assumiu já ter utilizado medicamentos sem prescrição médica, na qual 66% eram do gênero feminino. Pinheiro et al. (2013) em seu estudo sobre o perfil dos indivíduos praticantes da automedicação também verificou a prevalência da automedicação por participantes do sexo feminino como o estudo em questão. Segundo os autores, isso acontece pelo fato das mulheres terem mais acesso aos sistemas de saúde que os homens. Em outras pesquisas sobre automedicação, também podemos observar o grande número de pessoas que faz uso de medicamentos, segundo Araújo (2014) essa prática pode estar associada a facilidade de acesso pela população aos medicamentos sem prescrição médica.

De acordo com Oliveira et al. (2016), o uso excessivo de medicamentos isentos de prescrição pode ocasionar graves riscos à saúde. Estes medicamentos, podem estar associados a inúmeras doenças como síndrome de Reye, risco de hemorragias gastrointestinais, lesões hepáticas, anemia hemolítica e aplasia medular.

No quarto item do questionário aplicado, os entrevistados relataram os fármacos que eles consomem sem prescrição médica. Cerca de 30,2% dos alunos relataram fazer o uso do paracetamol, outros fármacos também foram citados como a dipirona e o dorflex com uma taxa percentual de consumo de 18,6% cada (Tabela 1). Fármacos como o paracetamol e a dipirona podem causar reações adversas no organismo como dor no estômago (Noronha et al., 2020).

Segundo uma pesquisa feita por Noronha et al. (2020) sobre a análise da prevalência da automedicação, foi constatado que a taxa da automedicação é muito alta em relação aos anti-inflamatórios não esteroidais, como é o caso do paracetamol, como também foi observado no estudo em questão. Este medicamento é um dos mais utilizados em todo o mundo, principalmente no Brasil e Estados Unidos (Da Silva Júnior et al., 2019).

Tabela 1.

Percentual dos fármacos mais utilizados pelos alunos sem prescrição.

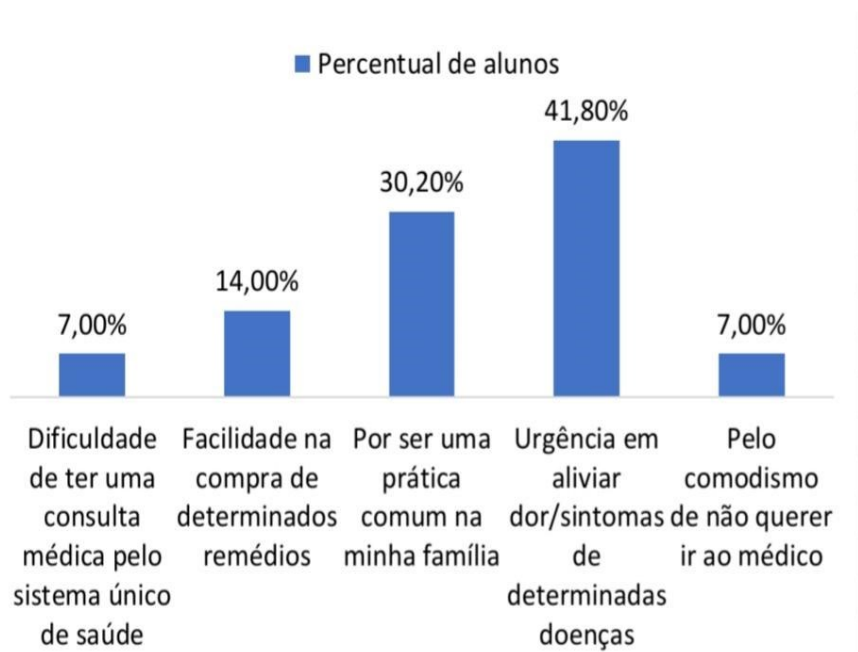
FÁRMACOS	% de automedicação
Paracetamol	30,2%
Dipirona	18,6%
Dorflex	18,6%
Nimesulida	7,0%
Torcilax	7,0%
Ibuprofeno	4,7%
Doralgina	2,3%
Omeprazol	2,3%
Buscopan	2,3%
Outros	4,7%
Todos os fármacos acima	2,3%
Total	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

No quinto item do questionário aplicado foi verificado que 41,8% dos alunos se automedicam por uma questão de urgência para aliviar a dor ou sintomas de determinadas doenças. Ainda foi observado que 30,2% dos estudantes se automedicam em razão dessa prática ser algo comum em suas famílias (Figura 1).

Figura 1.

Gráfico dos motivos no qual alunos fazem uso de medicamentos sem a prescrição de um profissional habilitado.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Silva et al. (2019), em seu estudo também constatou que a dor é o sintoma que mais estimula o uso de medicamentos sem prescrição. Os autores apontam que as pessoas fazem uso de medicamentos analgésicos para evitar que uma dor inconveniente lhe atormente, podendo ser desde um sintoma leve, moderado ou até mesmo intenso. Já Matos et al. (2018) destacou que esse processo acontece principalmente através de conhecimentos adquiridos em experiências prévias e vão se perpetuando entre familiares, amigos ou vizinhos.

Dos alunos que responderam ao questionário, 51,2% relataram que quando estão doentes consultam a própria família, 25,6% recorrem ao médico e 18,6% procuram a opinião de um farmacêutico, um dos entrevistados (2,3%) relatou que busca ajuda espiritual e outro (2,3%) afirmou que não recorre a ninguém quando se sente mal ou está doente.

Mayolo e Fernandes (2012), em seu estudo sobre a análise da prática da automedicação também encontrou resultados semelhantes a este. Em seu estudo, eles relatam que o motivo de muitas pessoas consultarem principalmente a família, ao invés de um médico, seria porque a maioria delas não utilizam o sistema público de saúde ou então pela falha que o mesmo apresenta (como a ausência de médicos, em alguns casos), outro fator relevante apontado pelos autores é que uma boa parcela dos entrevistados buscam a opinião de um farmacêutico, que é um dos profissionais que têm condições de orientá-los corretamente sobre o uso de

medicamentos de venda livre, como também dependendo da situação pode recomendar que os mesmos procurem um médico. Em outros casos, as pessoas optam por procurar o balconista de uma farmácia ou então seguem o conselho de um amigo, que nem sempre entende do assunto.

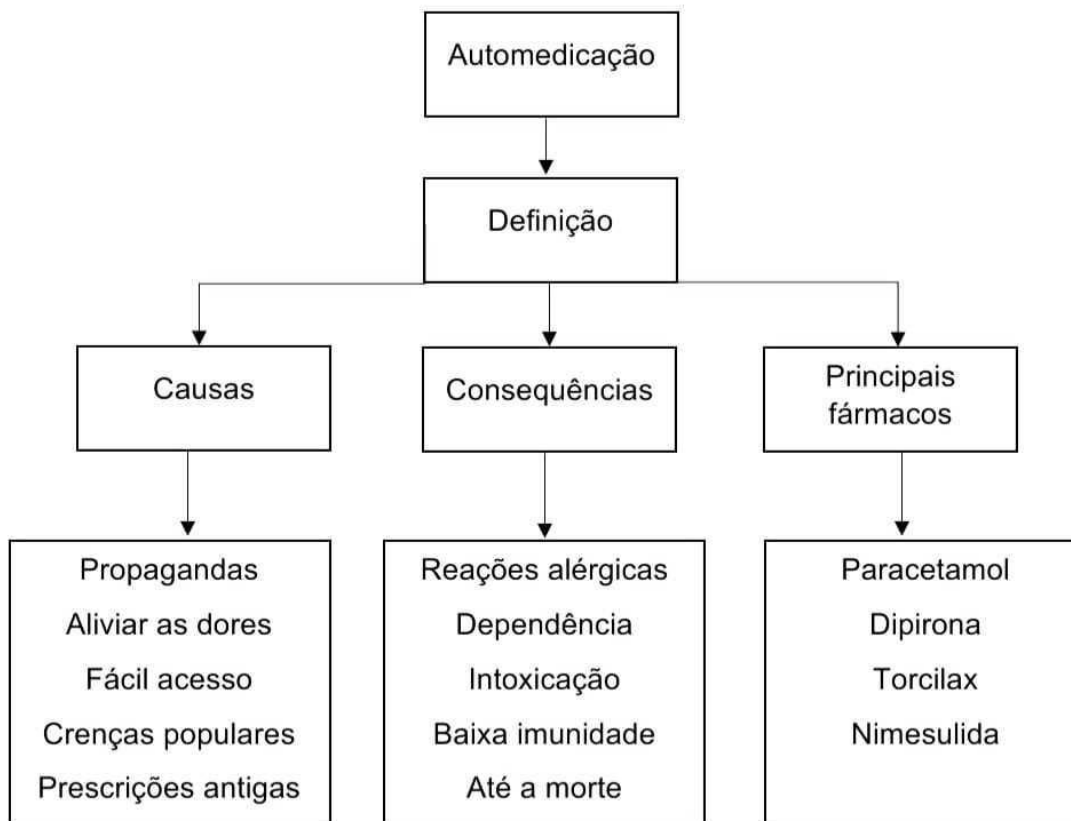
A maioria dos entrevistados (79%) que fazem o uso de medicamentos sem prescrição de um profissional habilitado, também relataram que recomendam determinado medicamento para outras pessoas, quando este soluciona o seu problema de saúde. Em seu estudo sobre os fatores correlacionados à automedicação entre jovens e adultos, Correia et al. (2019) também verificou que é comum o compartilhamento de medicamentos entre amigos e familiares, quando estes encontram fármacos que aliviam e / ou curam determinadas dores.

Palestra promovida pelo farmacêutico

Na palestra foi abordada a definição da automedicação, suas causas, suas consequências e os principais fármacos que são consumidos pela população, conforme Figura 2. Além disso, foram abordados outros tópicos como a importância da prescrição médica e a proibição da venda de fármacos que não são de venda livre. Os alunos interagiram muito bem com o palestrante, fazendo algumas perguntas como " Se era viável tomar um analgésico sempre que sentir alguma dor", "Se a falta de conhecimento dos riscos da ingestão de medicamentos sem prescrição médica contribui para que essa prática seja tão frequente" e "O que poderia ser feito para reduzir essa prática", todas essas questões foram esclarecidas pelo farmacêutico.

Figura 2.

Fluxograma dos tópicos abordados na palestra.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Durante a palestra um dos alunos relatou que trabalhava como balconista em uma farmácia, mas que pediu demissão, pois seu chefe queria que ele vendesse medicamentos que não são de venda livre sem prescrição médica, o discente falou que por medo de causar alguma complicação na vida de seus clientes, optou por sair do emprego, pois sabia que caso o cliente tivesse uma reação alérgica ou algo mais grave, ele quem seria responsabilizado.

Ao final da palestra, todos os alunos agradeceram ao farmacêutico e à equipe executora da pesquisa, por abordar essa temática que é tão presente no cotidiano, mas que é tão pouco discutida. A realização de palestra por um profissional farmacêutico sobre esta temática também foi adotada com êxito por Furtado (2013), em seu estudo sobre os riscos da automedicação. Nela também foi observado que os alunos se interessaram pela temática, como também possibilitou que os mesmos refletissem acerca das consequências da automedicação.

Produção de material de divulgação sobre a automedicação

Foram disponibilizados para os alunos panfletos e um infográfico. Os panfletos, mostrado na figura 3, serviram como base para que os estudantes desenvolvessem seus

próprios panfletos. Já o infográfico desenvolvido foi disponibilizado para a professora dos alunos e mostrou-se ser muito importante para que essa temática fosse atrelada ao conteúdo curricular, onde estes alunos puderam visualizar a automedicação aplicada aos conteúdos de química orgânica, como por exemplo, às fórmulas moleculares de alguns fármacos e os grupos funcionais dos mesmos, conforme figura 4. Em seu estudo sobre os medicamentos como uma abordagem interdisciplinar Silva et al. (2018) também verificou que trabalhar temáticas do cotidiano dos estudantes que por vezes não fazem parte do currículo daquela série, ou do próprio nível de ensino, possibilita um maior enriquecimento da prática pedagógica e do aprendizado do aluno.

Figura 3.

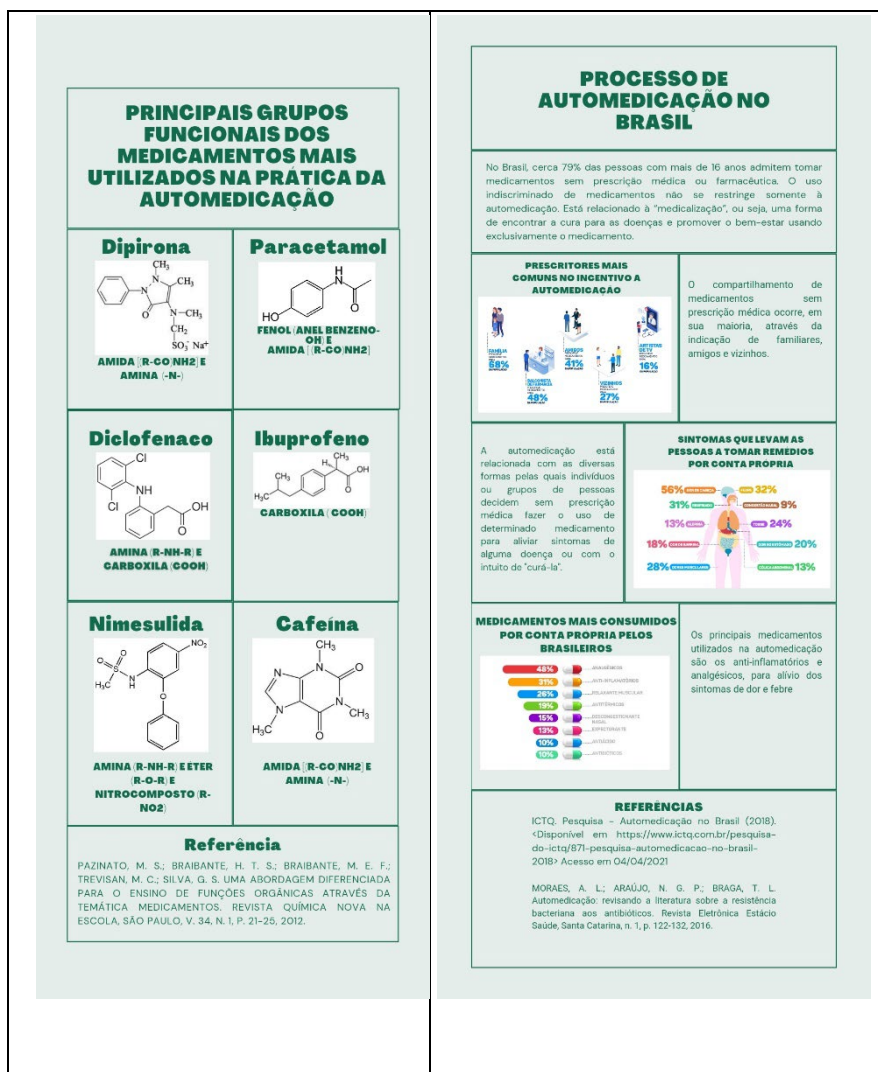
Modelos de panfletos apresentados aos alunos.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Figura 4.

Infográfico disponibilizado pela equipe executora do projeto.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com base neste material e na palestra que foi ministrada pelo farmacêutico, os alunos produziram 25 panfletos digitais acerca dos riscos da automedicação conforme **Figura 5**. Os alunos tiveram orientação dos executores desta pesquisa durante todo processo de elaboração dos panfletos, assim os discentes puderam trabalhar de forma simples e interativa. Silva e Lima (2018) em seu estudo em educação em saúde com ênfase na automedicação também verificou que a produção de panfletos pelos alunos promove a reflexão dos mesmos acerca da temática, expandia seus conhecimentos, como também proporciona a conscientização dos mesmos, sem falar no entusiasmo dos mesmos em desenvolver essa tarefa.

Figura 5.

Panfletos elaborados pelos estudantes.

<h2 style="text-align: center;">AUTOMEDICAÇÃO ⚠</h2> <p style="text-align: center;">NÃO SE AUTOMEDIQUE E NEM CONSULTE-SE COM AMIGOS OU FAMILIARES !</p> <p style="text-align: center;">ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ FÉLIX DE CARVALHO ALVES</p>  <p style="text-align: center;">EFEITOS COLATERAIS DA AUTOMEDICAÇÃO: O USO DE REMÉDIOS DE MANEIRA INCORRETA OU IRRACIONAL PODE TRAZER, AINDA, CONSEQUÊNCIAS COMO: REAÇÕES ALÉRGICAS, DEPENDÊNCIA E ATÉ A MORTE. ENTRE OS RISCOS MAIS FREQUENTES PARA A SAÚDE DAQUELES QUE ESTÃO HABITUADOS A SE AUTOMEDICAR ESTÃO O PERIGO DE INTOXICAÇÃO E RESISTÊNCIA AOS REMÉDIOS.</p>	<p style="text-align: right;"><i>Escola José Félix de Carvalho Alves</i></p> <p>⚠ATENÇÃO! ⚠</p> <p>Automedicação não é a cura para doença, mas a forma errada de se sentir Bem se automedicando.</p> <p style="text-align: center;">⚠PERIGOS DA AUTOMEDICAÇÃO⚠</p> <ul style="list-style-type: none"> • intoxicação • não ajudar com o problema • agravamentos de doenças • vícios constantemente • ingestão após vencimento ⚠• ingestão de remédio por crianças ⚠ <p style="text-align: right;">⚠↔BUSQUE O AUXÍLIO DE UM MÉDICO ↔⚠</p>   
<h2 style="text-align: center;">Automedicação</h2> <p style="text-align: center;"><i>Aluna: Caline Pacheco dos Anjos</i></p>  <p>O QUE É AUTOMEDICAÇÃO? É a ingestão de medicamentos por conta própria, sem a autorização do profissional da saúde.</p> <p>CONSEQUÊNCIAS DA AUTOMEDICAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Reações alérgicas</u> • <u>Dependência</u> • <u>Morte</u> <p>CAUSAS DA AUTOMEDICAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Dificuldade para marcar consultas médicas;</u> • <u>Venda livre de medicamentos;</u> • <u>Livre acesso à informações sobre doenças na internet.</u> <p>COMO COMBATER? Fiscalização na venda dos medicamentos e promover a venda fracionada, que favorecia o acesso ao medicamento correto, aumentaria as chances de adesão do tratamento e ainda evitaria desperdício.</p>	<h2 style="text-align: center;">Automedicação</h2> <p>O que é? A automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas.</p>  <p style="text-align: center;">EFEITOS COLATERAIS E CONSEQUÊNCIAS</p> <p>INTOXICAÇÃO; FALSA MELHORA NOS SINTOMAS; REAÇÕES ALÉRGICAS ; DEPENDÊNCIAS E ATÉ MORTE.</p>  <p>A principal causa da automedicação talvez esteja relacionada a um aspecto cultural, em que tomar remédio por conta própria, sem a necessidade de ir até o médico, alivia a dor de imediato.</p> <p style="text-align: center;">JAMAIS USE MEDICAMENTO SEM A PRESCRIÇÃO MÉDICA !!!</p> <p style="text-align: center;">ESCOLA PROFESSOR JOSÉ FÉLIX DE CARVALHO ALVES</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Conclusões

Diante dos resultados obtidos no questionário, observou-se que a prática da automedicação está presente entre a maioria dos estudantes participantes desta pesquisa. Trata-se de uma problemática importante para ser tratada entre os estudantes, pois os mesmos em sua maioria revelaram que não somente já fizeram o uso de medicamentos sem prescrição médica, como também já os recomendaram para outras pessoas.

É preciso que haja uma fiscalização eficiente na venda desses remédios e uma maior divulgação dos riscos inerentes a automedicação junto à comunidade escolar. Destacando-se assim, a necessidade da educação em saúde para estimular as pessoas a buscarem auxílio profissional para tratamento de suas enfermidades.

Por outro lado, verificou-se que as ações desenvolvidas pela equipe executora desta pesquisa possibilitaram que os alunos refletissem sobre o tema. A possibilidade de desenvolvimento da pesquisa integrado aos conteúdos de aula viabilizou uma maior interação e aprendizagem, com participação ativa dos alunos e estímulo do seu senso crítico, analítico e investigativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, C. H., Kümmerle, A. E., Guido, R. V. C. (2018). Perspectivas da química medicinal para o século xxi: desafios e oportunidades. *Química nova*, 41(4):476-483, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170182>.
- Aquino, D. S., Barros, J. A. C., Silva, M. D. O. (2008). A automedicação e os Acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva: Temas Livres*, 15(5):2534-2538, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>.
- Araújo, A. L. (2014). Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura. [Monografia de especialização em Farmácia, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://bdm.unb.br/handle/10483/8734>.
- Arthur Corrêa, T., Galão, C. C., Soares, L. A., Marangoni, A. C.. (2020). Material didático sob a ótica de professores da educação básica: uso racional e descarte responsável de medicamentos. Anais do CIET:EnPED:2020 – Congresso Internacional de Educação e Tecnologias I Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, São Carlos. <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1502>.
- Braz, G. M. O. S., Reis, V. F., Machado, M. P., Costa, R. S. L. (2019). Automedicação na Adolescência: prática entre alunos de uma escola de ensino médio. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 1(8):49-58, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v8i1.2052>.

- Correia, B. C., Trindade, J. K., Almeida, A. B. (2019). Fatores Correlacionados à Automedicação entre os Jovens e Adultos: Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, 2(1):57-61, 2019. <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/143>.
- Da Silva Júnior, J. G., Santos, N. S. D. S., Araújo, H. D. A., Sá, B. D. C., Nascimento Júnior, J. A. A., Maciel, N. G. P., Araújo, S. R. R., Araújo, V. F. S., Callou, M. A. M., Monte, T. V. S. (2019). Hepatotoxicidade induzida pelo paracetamol e a utilização do nomograma de Rumack-matthew para avaliar a terapêutica com N-acetilcisteína. *Revista Uningá*. 2019; 56(4):65-84. <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/2087>.
- Fagundes, B., Arnaud, J. M., Santos, M. C. M., Wiest, M. P. (2008). Automedicação não é solução. [Relatório de Projeto do Curso de Enfermagem, Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina]. Biblioteca JOI. <http://joinville.ifsc.edu.br/~bibliotecajoi/arquivos/pi/enfermagem2008/>.
- Ferro, R. W. (2019). Uso excessivo de medicamentos. [Trabalho de Conclusão de curso do curso de psicologia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul]. Repositório da UNIJUI. <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6690>.
- Freitas, V. P., Marques, M. S., Duarte, S. F. P. (2017). Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 11(39):25-37, 2017. <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/938>.
- Furtado, C. F. (2013). A informação é o melhor remédio: riscos da automedicação. [Trabalho de Conclusão de Curso de especialização em saúde, Universidade Federal do Paraná. Repositório da UFPR. <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/49928>.
- Carmo Júnior, N. M., Silva, J. R. S. (2017). Visibilidade da Escola na Discussão Sobre o Uso Racional de Medicamentos. *Contexto & Educação*, 32(102):145-169, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2017.102.145-169>.
- Matos, J. F., Costa Pena, D. A. C., Parreira, M. P., Santos, T. C., Coura-Vital, W. (2018). Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cadernos Saúde Coletiva*, 26(1):76-83, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201800010351>.
- Mayolo, T, Fernandes, L. C. Análise da prática de automedicação em uma drogaria de Arroio do Meio-RS. *Revista Destaques Acadêmicos*, 4(3):7-18, 2012. <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/144>.
- Moraes, A. L., Araújo, N. G. P., Braga, T. L. (2016). Automedicação: revisando a Literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos. *Revista Eletrônica Estácio Saúde*, 5(1):122-132, 2016. <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/sauesantacatarina/article/viewFile/2234/1059>.
- Noronha, J. I., Giardini, I. J. M., Pasotti, D. V., Teixeira, C. M. P. P. (2020). Análise da prevalência da automedicação com anti-inflamatórios não esteroidais em uma drogaria de Espírito Santo do Pinhal-SP. *Revista Faculdades do Saber*, 12(6):814-822, 2020. <https://rfs.emnuvens.com.br/rfs/article/view/118>.

- Oliveira, L. L., Moura, N. P. R., Martins-Filho, P. R. S., Lima, G. S., Tavares, D. S., Tanajura, D. M. (2016). Avaliação da prática da automedicação numa população urbana do Nordeste do Brasil. *Scientia Plena*, 12(12), 2016. DOI: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2016.127501>.
- Pinheiro, M. F. (2013). Avaliação transversal do perfil de indivíduos portadores de nível superior praticantes de automedicação. *Revista Saúde em Foco*, 5(6):7-15, 2013. http://www.unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/saude_foco/artigos/ano2013/avaliacao_transversal.pdf.
- Silva, A., Santos, J. D. G., Santos, S. O., Souza, A. P. S. Khouri, A. G. (2019). Uso indiscriminado de analgésicos por docentes de uma instituição de ensino superior: um risco imperceptível. *Ver. Ver. Ref. Saúde – Fesgo*, 02(3):22-29, 2019. <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/rrsfesgo/article/view/7173/47966145>.
- Silva, L. G., Ferreira, V. E. M., Bierhalz, C. D. K. (2018). Medicamentos: Uma abordagem interdisciplinar para ensino fundamental. *Revista Debates em Ensino de Química*. 2018; 4(2):80-98. <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/1861>.
- Silva, A. B, Lima, C. M. B. L. (2018). Educação em saúde sobre automedicação: Um relato de experiência. III Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências, Campina Grande. https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=10250770387602691247&hl=pt-BR&as_sdt=0,5#d=gs_qabs&u=%23p%3Dr9QmS1sNQo4J.
- Todescato, J. T., Bertoloto, M. I. A. (2017). Classificação terapêutica como facilitadora do uso racional de medicamentos. *Revista Científica Semana Acadêmica*. Fortaleza, 01(000106), 2017. <https://semanaacademica.org.br/artigo/classificacao-terapeutica-como-facilitadora-do-uso-racional-de-medicamentos>.